

## **HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO 7º ANO: RELATOS DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Laura Regina Carneiro Lugão (UEL)

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo relatar a experiência em sala de aula a partir do estágio obrigatório. O foco é demonstrar as metodologias e resultados de uma proposta de ensino-aprendizagem, a partir do gênero história em quadrinhos (HQs), desenvolvida com os alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública da região central de Londrina. Durante as aulas de regência, foram realizadas a leitura, a apresentação de conceitos básicos sobre o gênero e a produção individual de HQs pelos alunos. Baseado nesta experiência, busca-se levantar hipóteses para entender os motivos da predileção dos alunos pela produção de histórias em quadrinhos em contraste à resistência em relação à leitura. Como embasamento teórico serão usados textos de Ramos (2004) e BNCC (2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** história em quadrinhos; ensino de língua portuguesa; relato de estágio.

### **Considerações iniciais**

O estágio curricular obrigatório é uma importante etapa para a formação de futuros professores, pois se trata do primeiro contato com o contexto da sala de aula. A experiência relatada neste artigo aconteceu em uma escola pública da região central de Londrina, no Ensino Fundamental - Anos Finais, em turmas do 6º e 7º ano.

A escolha do tema “História em quadrinhos” se deu a partir das regências realizadas que abordaram o assunto, nas quais notou-se uma grande resistência por parte dos estudantes em fazer a leitura das obras sugeridas. Em contrapartida, durante a realização da atividade avaliativa, em que pediu-se a produção de um quadrinho autoral, os alunos expressaram uma atitude positiva, declarando que o exercício foi prazeroso.

Partindo dessa experiência, fundamentando-se na Base Nacional Comum Curricular (2018) e na obra de Ramos *et al* (2004), foram levantadas hipóteses do porquê a realização da atividade foi surpreendente positiva, uma vez que os alunos informaram não gostar de ler ou consumir HQs cotidianamente.

### **1 Contextualização dos quadrinhos**

As histórias em quadrinhos (HQs), ou simplesmente quadrinhos, são definidas por Ramos (2023, p. 20) como “um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades”. Dentre esses gêneros estão a charge, o cartum, as tiras (cômicas, seriadas e cômicas seriadas) e as diversas maneiras de produção das HQs. Ainda segundo o teórico, os quadrinhos possuem uma linguagem autônoma diferente da linguagem da literatura, portanto não devem ser confundidos.

Tendo isso em mente, Ramos (2023, p. 19) reconheceu algumas tendências do gênero, como: sequência narrativa; presença de personagens, fixos ou não; uso de um quadrinho ou mais, a depender do gênero; e uso de imagens desenhadas. Conforme notaram Borges e Jesus (2021) em sua análise, as HQs também são compostas por determinados elementos: ângulos e planos de visão, espaço e tempo, legendas, onomatopeias, personagens, e vinhetas.

No momento atual, é comum o uso de histórias em quadrinhos em sala de aula, sendo previstas em documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Entretanto, em períodos anteriores, essa realidade era diferente. De acordo com Ramos et al (2004), apesar do grande sucesso das HQs entre o público juvenil no período pós-guerra, as mentes “eruditas” da sociedade as desprezavam, argumentando que esse tipo de leitura afastava os jovens daquelas consideradas “importantes”.

Todavia, aos poucos, a leitura dos quadrinhos passou a ser incorporada no ambiente escolar. No Brasil, na década de 1990, após uma avaliação realizada pelo Ministério da Educação (MEC), vários livros didáticos passaram a ter os gêneros quadrinísticos presentes em suas produções. Mais tarde, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) também reconheceram a importância da utilização das HQs em sala de aula. Atualmente, o uso de quadrinhos na escola é mencionado pela BNCC, como será visto a seguir.

## **2 Os quadrinhos na BNCC**

A BNCC é, atualmente, o principal documento normativo do ensino brasileiro, responsável por definir os principais conhecimentos, competências e habilidades a serem desenvolvidos ao longo de todo o período da educação básica. No que diz respeito à etapa do ensino fundamental, a menção ao hipergênero “história em quadrinhos” aparece em dois momentos.

A primeira alusão está no objetivo de aprendizagem (EF67LP28), que aborda a leitura e compreensão, os quais devem acontecer de maneira autônoma, de diversos gêneros textuais a fim de que os alunos avaliem os textos lidos e otimizem suas preferências literárias (Brasil, 2018, p. 169).

A segunda aparição está no objetivo (EF67LP30), que trata da criação de “narrativas ficcionais”, devendo obedecer as estruturas próprias de cada gênero a partir dos conhecimentos prévios dos alunos (Brasil, 2018, p. 171).

Ambos os objetivos de aprendizagem foram abordados nas aulas práticas do estágio, que será relatada no tópico a seguir.

### **3 Relato de estágio**

O presente relato refere-se à experiência de estágio obrigatório do 3º ano do curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Estadual de Londrina. A disciplina em questão é dividida em dois momentos: o primeiro diz respeito às orientações, que aconteciam presencialmente na Universidade às sextas-feiras; o segundo refere-se à prática, que aconteceu no Ensino Fundamental II, com carga horária de 45 horas.

O colégio escolhido para a realização da prática está localizado na região central de Londrina, no último trimestre do ano letivo escolar, sob supervisão de uma professora que ministrou as aulas de Língua Portuguesa nas turmas do 6º e 7º ano. A turma do 6º ano, com educandos da faixa etária entre 11 e 12 anos, era composta por aproximadamente 15 alunos, em decorrência de um estudante autista de grau severo que precisava de um ambiente com poucas pessoas para conseguir frequentar as aulas. Já a turma do 7º ano, era formada por aproximadamente 40 alunos, com faixa etária entre 13 e 16 anos, sendo alguns deles repetentes. Durante o período de observação, além de assistir às regências da professora da turma, também se efetuaram atividades como a orientação dos alunos para a realização de exercícios em sala de aula. Ainda nesse período, constatou-se que ambas as turmas eram agitadas, com problemas de conversa e uso do celular durante as aulas.

Das quinze horas exigidas para a regência, três foram dedicadas ao ensino de História em Quadrinhos, previsto no planejamento do Registro de Classe Online (RCO), para a turma do 7º ano. Dentre os objetivos das aulas estavam: incentivar a prática da leitura de quadrinhos; entender e identificar seus principais elementos e características; e, por fim, produzir uma HQ autoral.

Na primeira aula, a ideia era fazer um momento de leitura com os alunos e, para isso, livros em formato de HQs, adequados à faixa etária dos alunos daquela turma, foram levados da biblioteca para a sala de aula. Priorizou-se escolher variados tipos de histórias para que os alunos pudessem escolher aquelas que gostassem ou que lhes chamassem a atenção – entre esses estavam mangás, quadrinhos da Turma da Mônica Jovem, Chico Bento Moço e outros. Ao chegar na sala de aula, alguns estudantes ficaram assustados com a quantidade de livros e o momento foi usado para explicar como funcionaria a dinâmica daquele dia. Os educandos foram orientados a continuar a atividade passada na aula anterior e, conforme fossem finalizando, deveriam escolher uma HQ de sua preferência para realizar a leitura. Grande parte deles fizeram reclamações sobre o formato da aula e relataram não gostar de ler. A partir desse momento, notou-se que a maioria não teve interesse pela atividade proposta, uma vez que apenas três alunos realizaram de fato a leitura – o restante dos estudantes ou pegaram um livro para fingir que estavam lendo ou protelaram para finalizar as questões do livro didático para que assim não precisassem realizar a leitura dos livros.

A segunda aula, de caráter mais expositivo, preocupou-se em explicar aos alunos o que são histórias em quadrinho, quais as suas origens e as suas principais características. Para esse momento, foram utilizados slides de autoria própria.

A aula iniciou-se com uma conversa entre alunos e estagiária, a fim de entender se a turma gostava de ler e, se sim, que tipos de leitura eram as suas favoritas, se eles cultivam esse hábito, se conheciam e consumiam histórias em quadrinhos e, se a resposta fosse afirmativa, quais. Parte significativa da classe negou ter o hábito de ler por fruição, no entanto, todos conheciam o gênero em questão – principalmente os quadrinhos da Turma da Mônica, criados por Mauricio de Sousa. No momento seguinte, mais questionamentos foram feitos, desta vez para entender o que eles acharam da aula anterior, porque gostaram ou não da atividade proposta, o que entenderam dos livros que selecionaram para ler, se apreciaram a história e se tiveram dificuldades com a leitura. Parte dos estudantes que participaram da primeira aula, informaram que, apesar de não sentirem dificuldades na leitura, não gostaram da aula, reforçando não apreciarem o ato de ler e que, apesar das histórias serem variadas, as achavam chatas. Apenas uma das alunas declarou gostar da atividade realizada, assim como do livro escolhido para leitura, relatando que foi até a biblioteca para fazer o empréstimo do exemplar e finalizar a história.

Após a escuta dos comentários feitos pelos alunos, foi feita a introdução do assunto da aula com a explicação do que são as histórias em quadrinhos, como elas surgiram, tanto no Brasil quanto mundialmente, e a apresentação de três quadrinistas famosos – os brasileiros Mauricio de Sousa (Turma da Mônica) e Ziraldo (O menino maluquinho), e o estadunidense Stan Lee (Universo da Marvel). Ao serem questionados, a turma informou conhecer todos os escritores. A partir disso, foram apresentadas à eles as principais características das HQs, são elas: os tipos de linguagem (verbal e visual), os tipos de balões (fala, grito, pensamento, sussurro), as legendas e a presença de interjeições e onomatopeias. Os exemplos utilizados para a explicação foram retirados de diversos quadrinhos, como o da HQ *Irmãs* (2017) de Raina Telgemeier – lido por uma das alunas na aula inicial.

**Figura 1** - exemplo utilizado a partir de *Irmãs* (2017)

### **Tipos de balão: grito**



Fonte: Devir. *Irmãs*. [S. l.], 29 jun. 2017.

Finalizada a exposição do conteúdo, o restante da aula foi dedicada a tirar as dúvidas dos alunos, que pediram para relembrar o que são interjeições e onomatopeias, e a cópia dos principais *slides* no caderno, posteriormente checado com um visto.

Finalmente, a terceira aula foi responsável por encerrar as atividades com o gênero. Por acontecer no horário seguinte ao da segunda aula, não foi necessário retomar o conteúdo antes da avaliação ser proposta. A atividade, que pedia aos alunos a produção de suas próprias histórias em quadrinhos, deveria seguir os seguintes requisitos: a) a partir do exposto e usando sua criatividade, faça uma HQ em que um gato de rua dá dicas sobrevivência a outro que

acabou de chegar ao bairro; b) todas as principais características apresentadas na aula (linguagem verbal e visual, balões, legendas, interjeições e onomatopeias) devem estar presentes na produção; c) a história deve ser autoral e não pode conter cópias e/ou plágios. Para a realização do trabalho, os alunos poderiam sentar em grupos para discutir suas ideias, entretanto, a produção deveria ser individual. Os materiais utilizados para a produção foram uma folha de papel sulfite, lápis e canetas coloridas. Durante a aplicação, passou-se pela mesa dos grupos a fim de entender o que eles mais gostaram na atividade e se estavam com alguma dificuldade. A partir da devolutiva dos alunos, notou-se que, apesar da resistência à leitura dos quadrinhos, a produção desses foi apreciada pela maior parte dos alunos, que afirmaram terem “amado” fazer a atividade.

#### **4 Suposições sobre a preferência pela produção de quadrinhos**

Baseando-se na experiência de estágio e na obra de Ramos *et al* (2004), três hipóteses, que estão correlacionadas, foram levantadas para explicar o porquê dos alunos terem apreciado a produção de seus próprios quadrinhos embora tenham relatado não terem o costume de ler obras do gênero.

A primeira hipótese levantada é o fato de a linguagem dos quadrinhos ser mista: verbal e não-verbal. De acordo com Ramos *et al* (2004, p. 9), “crianças começam muito cedo a transmitir suas impressões do mundo por meio de desenhos”, sendo essa uma das primeiras formas que elas encontraram para se expressar. A partir de conversas com os alunos, verificou-se que produzir suas próprias ilustrações auxilia a escrita da história por ser um modo “mais fácil” de expressão.

A segunda hipótese é a questão de que os alunos puderam realizar uma atividade prática e autoral. Possibilitar que os estudantes criem suas próprias histórias, a partir de desenhos e textos feitos por eles mesmos, pode tornar a atividade prazerosa uma vez que permite a eles expressarem livremente suas opiniões e visões de mundo, assim estimulando suas imaginações. Além disso, é uma dinâmica diferente da que eles estão acostumados, que é assistir a uma aula expositiva e realizar as atividades do livro didático.

Por fim, a terceira hipótese é a possibilidade de realizar a atividade em grupo. Diferente da atividade de leitura, que deveria ser individual, na aula destinada à produção os alunos puderam formar pequenos grupos para discutir ideias e compartilhar materiais. A professora responsável pela turma, durante a etapa de observação, já havia informado que essa

era uma dinâmica excelente para trabalhar com essa turma, uma vez que eles gostavam de fazer as atividades com os colegas e sempre foi muito produtivo.

### **Considerações finais**

Este artigo expôs a experiência de estágio realizada no Ensino Fundamental II, mais especificamente o trabalho de HQs com uma turma do 7º ano. Durante as aulas em que o tema foi abordado, buscou-se desenvolver habilidades de leitura e produção utilizando a linguagem quadrinística, previstas pela BNCC. O recorte aqui apresentado se deu pela observação de que grande parte dos alunos se recusaram a ler quadrinhos, mas tiveram uma aula, segundo eles, agradável durante a realização da avaliação. Assim, buscou-se levantar hipóteses para entender os motivos do contraste entre a resistência à leitura e o gosto pela produção.

### **REFERÊNCIAS**

- BORGES, Maria Isabel; JESUS, Natália Marques de. Uma análise das memórias de Anne Frank na novela gráfica *O Diário de Anne Frank em Quadrinhos*. **Revista Metalinguagens**, v. 8, n. 2, p. 31-70, jun. 2021. Disponível em: <https://metalinguagens.spo.ifsp.edu.br/index.php/metalinguagens/article/view/712>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- DEVIR. **Irmãos**. [S. l.], 29 jun. 2017. Disponível em: <https://devir.com.br/irmas/>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2023.
- RAMOS, Paulo *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.